

ESPACIALIDADES E TEMPORALIDADES: expressões de centralidade em cidades médias

Prof. Msc. Gilberto Oliveira Jr.

Departamento de Geografia da Universidade de Brasília (UnB)

Campus Universitário Darcy Ribeiro, Bloco B, Subsolo, Módulo 23 - CEP 70910-900 - Brasília (DF), Brasil

Tel.: (55 61) 3307-2373 - oliveirajr@unb.br

RESUMO

O artigo realiza esforço reflexivo pautado em apreender a premência de possíveis modificações no que tange à relevância das cidades médias enquanto resultado e condição — para o atendimento e consumação — das formas contemporâneas de reprodução e acumulação do capital. Depreende-se que a reprodução do capital vem sendo promovida essencialmente pela imposição de novos processos econômicos no território, engendrados historicamente a partir da reestruturação produtiva e acumulação flexível. Dessas, decorrem rupturas e permanências interescares que, no entanto, possuem maior expressão concreta na escala intra-urbana. Essas modificações caracterizam-se por uma tendência à desconcentração de investimentos na rede urbana com novas estratégias locais do capital, direcionadas aos territórios não-metropolitanos. Por seu turno, essas estratégias se revelam na crescente realocação de atividades produtivas e terciárias, outrora concentradas nas metrópoles, em cidades médias. Os resultados dessa dinâmica são impostos às cidades médias, convocadas a prover a materialização de interesses e racionalidades hegemônicas.

Palavras-chave: Cidades médias, novas expressões de centralidade, reestruturação do espaço urbano.

ABSTRACT

The article accomplishes a reflexive effort based on apprehending the urgency of possible modifications as it pertains to the contemporary relevance of the intermediate cities as result and condition – to the attendance and consumation – of the new ways of reproduction and accumulation of the capital. It is inferred that the new ways of reproduction of the capital are being raised essentially by the imposition of new economical processes in the territory, historically engendered from the processes of productive restructuration and flexible accumulation, from which elapse ruptures and inter escalate permanencies that, however possess grater concrete expression in the intra-urban scale. The problem of which the debates were conducted from was found centered essentially from the modifications elapsed from the economical dynamic and the results coming from it, that are imposed to the intermediate cities, summoned to provide the materialization of hegemonic interests and rationality.

Key words: Intermediate cities, new expressions of centrality, restructuration of the urban space.

RESUMEN

El articulo realiza un esfuerzo reflexivo basado en la búsqueda en aprehenderla premiosidad de posibles cambios a respecto de la relevancia de las ciudades medias en cuanto resultado y condición — para la atención y consumación — de las formas contemporâneas de reproducción y acumulación del capital. Se entiende que la reproducción del capital viene siendo causada por la imposición de nuevos procesos económicos en el territorio a partir de la restructuración productiva y acumulación flexible. De éstas, resultan rupturas y permanencias interescares que, en tanto, poseen mayor expresión concreta en la escala intraurbana. Las modificaciones venidas de la dinámica económica se caracterizan por una tendencia a la desconcentración de las inversiones en la red urbana con nuevas estrategias de localización del capital, direccionadas a los territorios no metropolitanos. Estas estrategias se desvelan debido a la realocación de actividades productivas y terciarias en ciudades medias. Los resultados de ésta dinámica son impuestos a las ciudades medias, solicitados para proveer la materialización de intereses y racionalidades hegemônicas.

Mots-clé: Ciudades medias, nuevas expresiones de centralidad, restructuración del espacio urbano.

INTRODUÇÃO

O presente artigo se encontra consubstanciado por resultados da realização de um esforço reflexivo acerca das cidades médias. Esse esforço pauta-se na busca por apreender, partindo da teoria espacial, a premência de modificações no que tange à relevância contemporânea das cidades médias enquanto resultado e condição — para o atendimento e consumação — das novas formas de reprodução e acumulação do capital.

Essas formas vêm sendo promovidas essencialmente pela imposição de novos processos econômico no território, engendrados historicamente a partir da reestruturação produtiva e acumulação flexível. Desses processos econômico-territoriais, decorrem rupturas e permanências interescares

que, no entanto, possuem maior expressão concreta na escala intraurbana. Essa escala, por conseguinte, apresenta-se como relevante ponto de partida para o debate proposto, embora esse escape ao interesse de conduzir reflexões restritas a um olhar sobre as cidades médias “por dentro”.

No bojo dos referidos processos, as novas formas de reprodução e acumulação do capital têm condicionado de modo incisivo a insurgência de (novas) contradições e conflitos no processo de (re)estruturação do espaço urbano e da cidade e, decerto, também têm produzido consideráveis implicações quanto à redefinição dos papéis das cidades médias.

Desta forma, objetivando proceder ao cumprimento de reflexões pautadas nas cidades médias, o problema acerca do qual se conduziram os debates se encontra centrado a partir das modificações decorrentes da dinâmica econômica. Essas modificações caracterizam-se por uma tendência à desconcentração de investimentos na rede urbana com novas estratégias locacionais do capital, direcionadas aos territórios não-metropolitanos.

Por seu turno, essas estratégias se revelam na crescente realocação de atividades produtivas e terciárias, outrora concentradas nas metrópoles, em cidades médias. Neste movimento econômico-territorial em âmbito interurbano, a realocação na rede urbana se concretiza conjugada às novas estratégias locacionais do capital que se realizam em âmbito intraurbano, direcionando a criação de novas expressões de centralidade em cidades médias.

Nesse contexto, é preciso problematizar os resultados provenientes da dinâmica econômica que são impostos às cidades médias na medida em que são convocadas a prover a materialização de interesses e racionalidades hegemônicas; ou, em outros termos, convocadas a prover o aprofundamento do mundo da mercadoria e ampliação dos mercados, assim como o incremento das contradições e conflitos forjados no bojo dos processos econômicos capitalistas contemporâneos.

Partindo desta perspectiva analítica, depreende-se que, no movimento econômico atual, as cidades médias não apenas adquirem funcionalidades que resultam do aprofundamento das contradições do capital, como também se encontram imbuídas em ostentar os ícones e signos da modernização contemporânea nos territórios não-metropolitanos.

Esses ícones e signos tendem a se realizar nas cidades médias de forma imbricada à redefinição dos papéis destas cidades para os interesses do capital. Por seu turno, essa redefinição ocorre essencialmente quanto à necessidade de ampliação de mercados em territórios não-metropolitanos, e apresenta-se concretizada de forma latente a simulacros discursivos de positividade do desenvolvimento inerente à atratividade desses ícones e signos para as cidades médias.

Portanto, os simulacros discursivos, resultam-se do falseamento das contradições reais que instrumentaliza um ideário de modernização propagado pelos arautos do capital. O referido ideário objetiva legitimar o desenvolvimento tecnológico e científico por meio da sua subtração da realidade concreta como um processo a-histórico e neutro. Neste contexto, reconduz-se ao discurso positivo empreendido “desde as origens da filosofia científica moderna, [no qual o referido desenvolvimento aparece] como um meio para libertar o homem de sua condição de indigente” (SUBIRATS, 1989, p. 35). A “pseudo-naturalidade” dos processos sociais e econômicos, contudo, vela as contradições candentes que aprisionam o homem das possibilidades de realização das suas potencialidades.

Para contemplar as questões supracitadas, realiza-se um recorte analítico em uma expressão de centralidade cada vez mais presente nas cidades médias e com fortes vínculos inter e intraurbanos, os Shopping Centers. Esses se encontram inseridos no debate acerca das modificações na dinâmica econômica para o aprofundamento do mundo da mercadoria e ampliação dos mercados em territórios não-metropolitanos, sendo ainda relevante ícone e signo da modernidade nos mesmos.

Em termos de estrutura, o texto encontra-se dividido em 5 momentos reflexivos. No primeiro momento, apresenta-se reflexão acerca da ofensiva do capital nas cidades médias com a instalação de artefatos substanciados em novas racionalidades para a maximização dos interesses de grupos capitalistas. No segundo momento, parte-se para as nuances do discurso do desenvolvimento das cidades médias enquanto negação das contradições reais prementes na reprodução do espaço e apro-

fundadas a partir das novas expressões de centralidade. No terceiro momento, discute-se a vinculação de interesses entre os grandes grupos investidores e as elites locais no que tange à revalorização da terra urbana propiciada pelas externalidades diretas dos novos artefatos inseridos no espaço. No quarto momento, o debate centra-se na redefinição do centro tradicional a partir da emergência da centralidade múltipla decorrente das novas expressões de centralidade. Posteriormente, refletimos acerca da relevância das novas expressões de centralidade para a ampliação dos mercados nos territórios não-metropolitanos e o aprofundamento do estranhamento da vida cotidiana na cidade. Por fim, são apresentadas algumas questões finais, pautadas em perspectivas não abordadas, embora pertinentes à temática das novas expressões de centralidade em cidades médias.

OFENSIVA DO CAPITAL NAS CIDADES MÉDIAS

No atual momento histórico, o ideário reproduzido pelos denominados ícones e signos da modernidade nas cidades médias faz-se proveniente da articulação das novas funções destas cidades com o suprimento das presentes necessidades de reprodução e acumulação do capital e da aprofundamento do mundo da mercadoria e ampliação dos mercados.

Nesta perspectiva, a ofensiva do capital nas cidades médias denota que a territorialização dos processos econômicos hegemônicos tem sido demandada por meio de novas estratégias locais do capital. Essas apontam para processos interescares:

- em âmbito interurbano, na medida em que as estratégias se diversificam de acordo com possibilidades de desconcentração espacial de capitais produtivos e terciários para as cidades médias e recentralização dos níveis decisórios nas metrópoles;
- e em âmbito intra-urbano, posto que as novas estratégias implicam descentralização territorial de concentração de investimentos que decorrem recentralização, essencialmente de fluxos, propiciando a redefinição da centralidade nas cidades médias e a (re)estruturação do espaço urbano nessas cidades, partindo da imposição das novas necessidades do capital.

Esse movimento econômico-territorial se verifica, em parte, com a diversificação da lógica locacional do capital produtivo, observada a partir da desconcentração espacial de variados ramos de atividades produtivas das metrópoles para cidades médias. Esse processo, se por um lado altera ou amplia os papéis urbanos e a dinâmica das cidades médias, caracterizando a desconcentração espacial, por outro lado amplia também os papéis da metrópole, visto que gera uma (re)centralização dos capitais no que tange à localização dos centros de comando, o que implica, essencialmente, a centralização do capital financeiro (SPOSITO et al, 2007). De acordo com Carlos (2005a, p. 30), depreende-se desse processo que no momento atual “a lógica do capital industrial é redefinida, produz-se um deslocamento, no espaço, dos estabelecimentos industriais sem que essa desconcentração traga, consigo a descentralização do capital”.

No entanto, para além das modificações apontadas em relação ao capital produtivo, a referida desconcentração de investimentos desencadeia no âmbito do capital terciário a insurgência de novos equipamentos e artefatos promulgados enquanto ícones e signos da modernidade e desenvolvimento — cujo principal exemplo constitui-se nos Shopping Centers — na escala intraurbana das cidades médias. Estes artefatos, por seu turno, compelem demandas de fomento a matrizes discursivas positivas, por vezes estreitando os vínculos de interesses entre os grandes grupos investidores e as elites locais.

Neste contexto, a escala intraurbana apresenta a materialização das rupturas de processos interescares que, por outro lado, concretizam o aprofundamento de continuidades plenas. Decerto, as continuidades revelam rupturas qualitativas que impactam decisivamente o processo de estruturação do espaço urbano constrangido por novas expressões de centralidade.

Essas se concretizam conectadas à intermediação dos espaços locais aos espaços globais em decorrência das racionalidades hegemônicas, da desconcentração espacial aliada à centralização decisória nas metrópoles e do entrecruzamento de escalas de capitais reciprocamente condicionadas.

Destaca-se que as novas expressões de centralidade que se constituem para potencializar as novas formas de reprodução e acumulação do capital, como os Shopping Centers, implicam análises para além das estritamente corroboradas nos debates acerca de outras formas de expressões de centralidade, que se materializam em subcentros, desdobramentos do centro, vias especializadas, dentre outras, analisadas em relevante número de estudos, a exemplo de França (2007).

Logo, diferem substancialmente as expressões de centralidade que se estabelecem a partir do incremento populacional no espaço urbano e das demandas impelidas pelo crescimento do tecido urbano de forma horizontal, das novas formas de expressão de centralidade que se revelam alheias ao crescimento horizontal — visto que inclusive direcionam o crescimento urbano e revalorizam a terra urbana — para impor uma verticalização econômica do território.

Esse processo econômico-territorial se concretiza pela materialização no espaço de formas verticais de reprodução do capital conduzidas pela justaposição de escalas espaciais que se interpenetram, impelindo a realização dos interesses econômicos de grandes grupos investidores em uma dinâmica que implica a territorialização de racionalidades técnicas globais direcionadas à maximização dos lucros. Nesta perspectiva, esses grupos passam a diversificar suas estratégias locacionais na medida em que outras categorias de cidade, para além das metrópoles, potencializam a realização dos seus interesses.

Ao potencializar os interesses de reprodução e acumulação do capital por meio de processos espaciais e sociais que se coadunam, aperfeiçoa-se a reprodução capitalista do espaço. Assim, convergimos em um debate entre a estruturação e a produção do espaço sob a luz da crítica ao aprofundamento do mundo da mercadoria, ampliação dos mercados e à revalorização da terra urbana, que potencializa a fragmentação do espaço.

Desta forma, a centralidade, e suas formas de expressão no espaço urbano em cidades médias, constitui-se objeto das reflexões deste trabalho, na medida em que a centralidade, elemento essencial na capacidade de agregar e de realizar a política e a apropriação foi e continua a ser subjugada aos interesses do capital e travestida em elemento de negação da sua própria realização. E mais, de opressão às potencialidades humanas e às formas transgressoras de apropriação do espaço que tendem a subverter os interesses do capital.

As novas expressões de centralidade — que atendem às novas formas de reprodução do capital — constituem-se alheias às possibilidades humanas libertadoras de apropriação do espaço, induzindo práticas sociais contrárias à potência humana e, decerto, procuram inviabilizar formas de resistência às ofensivas do capital nas esferas da vida cotidiana não restritas ao tempo de trabalho.

Evidencia-se então que essa ofensiva na vida cotidiana se realiza na cidade nos momentos de trabalho e, cada vez mais, nos momentos de não-trabalho, no denominado “tempo livre” que se aprisiona aos ditames do capital. Por conseguinte, o cotidiano na cidade — não estritamente na metrópole — encontra-se subsumido às racionalidades hegemônicas, tendendo a anular as possibilidades contra-hegemônicas de reprodução da vida, de sociabilidade e de apropriação do tempo e do espaço.

Neste sentido, as novas expressões de centralidade reafirmam a programação e a previsibilidade dos/nos espaços que se reproduzem previamente preenchidos por materialidades e sociabilidades de um mundo objectual — tecno-científico — voltado contra o homem, e mais do que vazio das possibilidades de realização do homem, esse se define enquanto esvaziador da vida no processo de desrealização do ser social.

Depreende-se que o processo de aprofundamento do mundo da mercadoria congregado às novas formas de racionalidade hegemônica tem concomitantemente redefinido e reforçado a centralidade na cidade e aprofundado a indissociabilidade dos processos sociais e espaciais nesse espaço, (re) velando rupturas nos referidos processos. Essas rupturas apontam para modificações que se realizam

no espaço no intuito de dinamizar os interesses econômicos ao mesmo tempo em que, para tanto, o homem se desrealiza enquanto cidadão para se realizar na condição de consumidor, na condição de um novo homem programado, por excelência, para suprir as necessidades veementes do capital.

Portanto, faz-se necessário pensar as novas expressões de centralidade enquanto artefatos espaciais que apontam para a presença de lógicas hegemônicas no espaço, que naturalizam com propriedade o aprofundamento do estranhamento da vida cotidiana na cidade, cada vez mais subsumida aos preceitos da ofensiva do capital.

As novas expressões de centralidade, por seu turno, implicam reflexões acerca do processo de estruturação do espaço urbano com o intuito de desvelar as racionalidades impostas na produção do espaço urbano em cidades médias. Essas racionalidades terminam por conduzir a materialização das contradições do movimento do mundo nos lugares, apresentando as rupturas que se realizam em âmbito interescolar impelidas por interesses conflitantes ou compatíveis expressos concretamente na escala intraurbana, através da qual se procura problematizar um movimento que a transcende. Partindo desse ponto e com o intuito de:

apreender o processo de estruturação urbana, portanto, é necessário realizar o esforço reflexivo de desvelar a profunda articulação existente entre os conteúdos individuais das distintas parcelas da estrutura com o processo de reprodução do espaço urbano, consubstanciada também com as rupturas e permanências que se expressam ao longo da história no próprio recorte temporal que compreende a estrutura. Desvelar, assim, os conflitos, as contradições que se materializam e se ocultam, impelindo a organização da cidade sempre associada a determinadas racionalidades e interesses em conflito (OLIVEIRA JR., 2008b, pp. 212-213).

Assim, ao partir da expressão da centralidade como um fenômeno que sintetiza um conjunto de processos realizados na escala interurbana e na escala intra-urbana, depreende-se que esse fenômeno propicia que se desvele como se manifesta a dinâmica espacial não estritamente no sentido das continuidades como também das rupturas em escalas que se coadunam.

Desta forma, o debate que envolve as novas expressões de centralidade substancia a reflexão acerca da maximização dos resultados dos interesses de reprodução e acumulação do capital nos territórios não-metropolitanos, apontando como a reestruturação do espaço urbano nas cidades médias se realiza ao mesmo tempo velando e desvelando as contradições prementes nos conteúdos da urbanização contemporânea.

Nesta direção, as questões com os quais nos comprometemos para o desenvolvimento do artigo foram construídas por meio de um direcionamento a um embate analítico. Esse implicou pensar as tensões, conflitos e contradições engendradas e/ou aprofundadas pelas novas expressões de centralidade — e, por conseguinte, pela (re)estruturação do espaço realizada na escala intra-urbana —, visceralmente imbricadas com as rupturas de nuances qualitativas que em verdade se realizam para potencializar a intensidade das continuidades; ou, parafraseando Alves (2001), são descontinuidades postas no interior de uma continuidade plena e perversa.

AS NUANCES DO DISCURSO DO DESENVOLVIMENTO DAS CIDADES MÉDIAS

A apreensão do desenvolvimento das matrizes discursivas envoltas em ideário de modernização impelido por determinados grupos sociais enquanto inerentes à instalação de novos artefatos no espaço, implica procurar mensurar ações do poder público municipal e da iniciativa privada e a relevância dessas no processo de (re)estruturação do espaço urbano a partir da criação de novas expressões de centralidade em cidades médias. Nessa direção, as reflexões realizam-se de forma a extrair intencionalidades, ações e os discursos empreendidos no intuito de justificar e concretizar as mesmas.

Antes, é preciso compreender, de acordo com Vieira (2002, p. 148), nesse processo de análise do desenvolvimento dos discursos que, em uma “concepção crítica, o sujeito não é apenas um agente

do processo, mas um sujeito que é construído e que constrói os processos discursivos com base em seu caráter de ator ideológico”. Portanto, a análise objetiva explicitar o que subjaz dissimulado e latente ao discurso e, nesta direção, não se concebe imediatamente percebido, considerando-se natural. Na análise crítica do discurso, cumpre “[identificar] as estruturas e as relações de poder que circundam e que motivam o texto no intuito de desnaturalizar as práticas discursivas e textuais de determinada sociedade” (VIEIRA, 2002, p. 153).

Nossas reflexões, neste sentido, nos conduziram a um caminho de promover um debate essencialmente pautado em analisar em que medida as intencionalidades eram (des)veladas na construção de um discurso de naturalidade positiva aliando racionalidades hegemônicas estritamente com novas tecnologias, desenvolvimento e modernização.

O referido discurso se evidencia nas cidades médias por meio das tentativas dos agentes em ostentar e superestimar a atratividade gerada pela cidade para o interesse na inserção do artefato no espaço urbano. Portanto, faz-se necessário avaliar as externalidades geradas e mantidas por estes artefatos, bem como suas formas de internalização e pela população — com geração de emprego, renda, dentre outros —, e por outro lado, as formas de internalização pela elite empreendedora local e pelas classes de alta renda da cidade.

No bojo dessas reflexões, revela-se a premência de assinalar para a latência de determinadas contradições e conflitos subestimados ou alheios à construção dos discursos do poder público municipal e dos agentes da iniciativa privada. Nesse ponto, consideramos que embora possua elementos concretos da realidade que consubstanciam a construção e reprodução do discurso consensual de positividade oriundas inevitavelmente da inserção de artefatos modernizadores do/no espaço, o referido discurso se constrói velando de forma intencional outros elementos da realidade que atentam contraditoriamente à “pseudo-naturalidade” da reestruturação do espaço.

Dessa forma, realiza-se a produção do espaço referenciada em matrizes ideológicas que não se expressam enquanto uma inversão da realidade na medida em que os aspectos explorados tendem a se concretizar no espaço, embora o façam de forma parcial e fragmentada. Nesta direção, as referidas matrizes se expressam enquanto uma subversão da realidade em consonância a interesses determinados que repercutam como interesses gerais. Assim, a realidade se reduz abstratamente de forma induzida para a contemplação e realização da reprodução de interesses cada vez mais parciais na reprodução do espaço, e no espaço em lugares cada vez mais definidos por esses interesses.

Em outros termos, a realidade se fragmenta abstratamente em matrizes discursivas que, por seu turno, se expressam enquanto simulacros que velam o aprofundamento do processo de fragmentação do espaço. Assim, o discurso objetiva atribuir aos novos artefatos possibilidades plenas e consensuais de imposição de racionalidades novas que se apresentam mais proficuas ao aprofundamento do mundo da mercadoria concretizada nos conteúdos da urbanização como positividade à cidade enquanto totalidade.

Essas racionalidades, entretanto, permitem que o pensamento acerca do espaço e a realização de ações nele, se efetuem de forma cada vez mais fragmentada e articulada estritamente a interesses de grupos seletos e cada vez mais competitivos. Desta forma, a atração de novos grupos manifesta a impossibilidade de competição das pequenas empresas varejistas com os mesmos, o que potencializa o discurso dos arautos do capital quanto à modernização e ao desenvolvimento por meio da atração de grupos investidores mais expressivos para as cidades médias.

Diante disso, há a anulação do debate político, a contestação ou o simulacro das contradições e conflitos latentes ao processo de (re)produção e (re)estruturação do espaço urbano. Nesta direção, eliminam-se as formas de apropriação do espaço subversivas à racionalidade hegemônica, ou seja, formas que transgridam os interesses subjacentes aos processos de reprodução e acumulação do capital que se realizam em detrimento da vida humana na cidade.

No encontro desses interesses se coadunam a internalização das externalidades propiciadas pelo direcionamento de crescimento e homogeneização de parcelas do tecido urbano induzido pela

nova expressão da centralidade, acentuando a fragmentação do espaço urbano. Nesse contexto, somos conduzidos ao próximo movimento reflexivo, pautado na análise da influência das novas expressões de centralidade no processo de revalorização da terra urbana, essencialmente no entorno à sua área de instalação.

NOVAS EXPRESSÕES DE CENTRALIDADE E REVALORIZAÇÃO DA TERRA URBANA

Neste ponto, considera-se essencial que a territorialização das racionalidades hegemônicas que engendram novas expressões de centralidade não se encontrem alheias aos interesses das elites locais. Diante disso, as elites locais, devidamente interessadas em apropriar-se de determinados “benefícios” reproduzem o discurso de positivities naturais provenientes da inserção dos ícones e signos da modernização. Dentre esses, nos concentramos em debater o movimento de internalização das externalidades que decorrem do processo de (re)valorização de parcelas do tecido urbano impelidas pela presença dos novos artefatos no espaço.

O movimento de internalização se concretiza na (re)produção do espaço fragmentado por meio das dinâmicas de mercado, principalmente com o lançamento de novos produtos imobiliários destinados às classes de alta renda. Esses produtos se encontram respaldados na construção dos signos de uma “estética modernizadora” da/na paisagem da cidade. Por conseguinte, se reafirma a homogeneização do conteúdo das parcelas do tecido urbano que, no referido contexto, são desencadeadas pelo direcionamento das externalidades diretas das novas expressões de centralidade.

De qualquer forma, deve-se compreender que as externalidades diretamente derivadas das novas expressões de centralidade, ao serem internalizadas pelas elites locais por meio da materialização de novos produtos imobiliários — que se valorizam por se encontrarem no entorno do artefato (renda diferencial pela localização) —, propiciam, por seu turno, novas externalidades. A partir desse movimento, essas novas externalidades são internalizadas pelo artefato, revalorizando-o.

Nesse sentido, a localização, respaldada enquanto fator primordial que antecede o processo de planejamento e estudos de mercado para a construção e comercialização de uma expressão de centralidade como um Shopping Center, potencializa-se ao mesmo tempo em que se amplia a área primária de abrangência do empreendimento.

Os interesses dos grandes grupos investidores compelidos pelas novas formas de reprodução do capital que se inserem na cidade, diante disso, vinculam-se aos interesses das elites locais. Esses últimos se realizam de forma a aprofundar o processo de fragmentação do tecido urbano pelas externalidades diretas do artefato, que valorizam substancialmente a terra urbana disposta no seu entorno imediato e direcionam investimentos que homogeneizam o conteúdo das parcelas do tecido urbano contíguas ao empreendimento com novos produtos imobiliários destinados aos segmentos de alto poder aquisitivo da cidade.

Para além das questões supracitadas, esse processo de valorização termina por acentuar a expressão concreta das contradições e dos conflitos latentes entre as condições materiais de existência à que a imensa maioria da população se encontra subjugada e a ideologia da modernidade presente no simulacro do desenvolvimento naturalizador dos processos sociais e econômicos no espaço.

Considera-se que essa ideologia, em verdade, expressa cada vez mais a intencionalidade de concentração extremamente parcializada e fragmentada, alvo incondicional de disputa política (de poder) que acentua a escassez nas periferias e reafirma a lógica de mercado enquanto mediadora do processo de (re)produção do espaço urbano. Essa ideologia reafirma, portanto, as intencionalidades desenvolvidas em âmbito teórico de se pensar e planejar a cidade de forma cada vez mais fragmentada, e em âmbito prático de se produzir a cidade negando a apropriação por meio de limitações definidas e normatizadas pela dinâmica do mercado.

No âmbito da gestão urbana, a cidade se revela alvo de planejamentos que a ignoram enquanto uma totalidade, privilegiando parcelas do tecido urbano direcionadas à apropriação e aos interesses

das elites locais. Planejamentos realizados para normatização da ação do poder público na cidade enquanto totalidade e não estritamente em fragmentos desta, muitas vezes não se concretizam praticamente, sendo subsumidos às demandas de ocasião de grupos seletos que são propagadas enquanto “benéficas” para toda a cidade. Assim, “os conflitos na cidade desmascaram a lógica das políticas urbanas que aprofundam a segregação através do direcionamento dos investimentos e a construção da infra-estrutura, provocando a valorização diferenciada nos lugares da cidade” (CARLOS, 2005b, p. 237).

Nesta perspectiva, o recente processo que implica a reformulação do Plano Diretor Urbano para a sua adequação ao Estatuto da Cidade com o estigma da participação popular, não deve ser considerado com relação direta entre a possibilidade dos grupos populares em participar de discussões direcionadoras de políticas públicas — e da ação do poder público — e a construção de verdadeiras oportunidades de interferir e subverter as relações de poder historicamente constituídas.

Muitas vezes articulado ao planejamento conservador, esses instrumentos terminam por servir cabalmente enquanto estratégias de normatização dessa participação popular, sendo em verdade transformados em controle das possibilidades de interferência nas diretrizes e na construção do urbano e da cidade.

Portanto, em última instância, determinados interesses de grupos seletos com maior poder de influência nos níveis decisórios podem sobressair-se, sendo manifestados efetivamente na produção da cidade ignorando as prioridades estabelecidas a partir dos debates realizados e da “participação” popular.

A criação de novas expressões de centralidade nos direciona também à realização de debates acerca das dinâmicas das centralidades — essencialmente o que tange ao que se movimenta no território — e os processos sociais e espaciais resultantes da multiplicação da centralidade na cidade. Desses processos, especialmente interessam às nossas reflexões a redefinição do centro tradicional e os impactos das novas formas de reprodução do capital por meio de novas expressões de centralidade na vida cotidiana na cidade.

NOVAS EXPRESSÕES DE CENTRALIDADE E REDEFINIÇÃO DO CENTRO TRADICIONAL

Neste tópico, debate-se a relevância dos resultados da dinâmica e dos processos que propiciam - a partir da criação de nova expressão de centralidade nas cidades médias, recortada no presente texto nos Shopping Centers - a centralidade múltipla, polinucleada, cambiante e complexa conforme apontou Sposito (2001). Essas dinâmicas, por seu turno, são problematizadas e relacionadas aos processos sociais e à redefinição dos conteúdos das parcelas do tecido urbano, essencialmente à que compreende o centro tradicional.

As redefinições nas dinâmicas que se processam no centro tradicional a partir das novas expressões de centralidade manifestam-se em modificações em relação ao que se movimenta no território e também se realizam materialmente na paisagem da área. Isso porque a alteração do público alvo de algumas áreas do centro e a procura por competitividade com os lojistas do(s) shopping(s) em outras regiões, termina por caracterizar uma “popularização” de partes do centro conjugada à atração de novos investimentos de grupos capitalistas mais competitivos, além da utilização de preceitos privados na conformação do planejamento destinado ao espaço público.

Nessa direção, a ocorrência de uma nova expressão de centralidade no processo de estruturação do espaço urbano implica a dinâmica de centralidade múltipla e plural, em que a centralidade se multiplica, de forma que a nova área central e a anterior expressem centralidade. Por certo, existe uma variação temporal em períodos curtos, na qual as centralidades se expressam com maior ou menor intensidade em diferentes horários do dia ou em diferentes dias da semana — caracterizando a centralidade cambiante. Diante disso, essa dinâmica encetada pela multiplicação da centralidade não implica que a criação de uma nova expressão de centralidade retire os atributos e a dinâmica dos fixos e fluxos que se concentram dispostos na área do centro tradicional, embora os redefina.

Assim, a imposição dos novos artefatos no tecido urbano desencadeia um processo de reestruturação do espaço urbano que incide também sobre a modificação do velho, que se redefine. O centro tradicional, nessa perspectiva, se transforma a partir de reações às externalidades da nova expressão de centralidade, não permitindo ser apreendido estritamente em uma concepção referenciada na estrutura urbana pretérita.

Depreende-se, deste modo, que a nova estrutura urbana que se revela decorrente do processo de reestruturação apresenta, além de uma nova expressão de centralidade, um centro tradicional renovado. Este se redefine e reage para internalizar as externalidades da nova expressão de centralidade e suprir as novas demandas de mercado, objetivando concorrer com o Shopping Center ou direcionar suas atividades a outros segmentos sociais.

Muitas vezes ocorre a utilização da apropriação do substantivo “Shopping” enquanto adjetivo para algumas vias do centro tradicional como estratégia de marketing, denominadas de “Shopping à céu aberto”. A construção do discurso de degradação do centro para justificar investimentos do poder público municipal em um processo de “revitalização” do centro, ou mesmo de parcerias público-privadas, também tende a se realizar. Assim, reafirmam-se as formulações das políticas públicas para uma cidade fragmentada, direcionada a atender interesses em parcelas do tecido urbano relevantes às elites locais em detrimento das áreas periféricas de baixa renda da cidade.

Contudo, esse discurso se inicia prontamente no anúncio da construção de Shopping Centers em cidades médias, quando se expõe o expressivo temor dos empresários do setor de comércio do centro tradicional com a manutenção dos fluxos de pessoas e capital na área. Desta forma, se constrói um discurso pautado estritamente na multiplicação da centralidade na cidade e na concorrência de um equipamento que internaliza as externalidades negativas do centro tradicional — como a violência, a falta de estacionamentos, o convívio de diferentes classes sociais, dentre outras. Esse discurso objetiva (re)criar ou subsidiar a necessidade do poder público de realizar ações no intuito de propiciar ao espaço público uma adequação aos preceitos do espaço privado.

Por outro lado, a multiplicação da centralidade na cidade confere um processo de reafirmação da centralidade da cidade, incitando o aprofundamento da drenagem de renda regional pela cidade que centraliza os fluxos e fixos. Portanto, se realizam processos espaciais interescares que implicam a centralidade complexa, expressando que ao mesmo tempo em que a centralidade se multiplica em âmbito intraurbano, esta se concentra em âmbito interurbano, e este processo é de extrema relevância nas estratégias locacionais de novos equipamentos e artefatos.

Nessa perspectiva, este processo de reafirmação da centralidade da cidade propicia um incremento de fluxos que pode ser considerado uma externalidade direta da nova expressão de centralidade. No entanto, a internalização dos fluxos interurbanos gerados não se restringe à nova expressão de centralidade, na medida em que esses fluxos são também internalizados pelo centro tradicional.

Mais precisamente em âmbito intraurbano, com as rupturas propiciadas na estrutura urbana pela nova expressão de centralidade, o centro tradicional passa a se expressar como uma centralidade que se redefine tanto como conteúdo individual — enquanto parcela do tecido urbano — quanto na relação com as demais parcelas. Consequentemente, para além de uma nova expressão de centralidade, a reestruturação do espaço intraurbano revela “novas” expressões de centralidade, na medida em que o centro tradicional se renova e não mais se constitui enquanto o denominado “velho”, mas resultante dos embates e adequações realizados com a imposição do novo.

Em suma, o “velho” não pode ser apreendido em sua concepção anterior, mas na forma como se relaciona com o novo no momento atual através do desencadeamento do processo de reestruturação propiciada pela nova expressão de centralidade.

Por conseguinte, o centro tradicional possui uma expressão, em certa medida, diferente quando comparado ao que se revelava anteriormente à criação da(s) nova(s) expressão(ões) de centralidade, ao mesmo tempo em que se aproveita de uma situação privilegiada preexistente na estrutura urbana

da cidade. Nesta perspectiva, enquanto concentração de fixos, o centro apresenta continuidades, mas expressa rupturas qualitativas quanto aos fluxos que gera e mantém.

Essas rupturas, contudo, incidem sobre modificações no que se encontra fixo no território, a exemplo dos projetos de revitalização e/ou requalificação, ou mesmo de “popularização” das mercadorias e do público alvo de fragmentos do centro. Dessa forma, o centro continua concentrando fixos e fluxos, embora estes tendam a sofrer alterações de âmbito qualitativo e quantitativo a partir da criação da nova expressão de centralidade.

Nesse contexto, as modificações que caracterizam a redefinição da centralidade e do centro tradicional podem ocorrer tanto na procura incessante de concorrência e competitividade com a nova expressão de centralidade através de revitalização do centro como na modificação do público alvo para faixas de renda diversas às estabelecidas enquanto alvo no(s) Shopping Center(s). Tal fato representa com maior intensidade a centralidade polinucleada, na qual as diferentes expressões de centralidade geram e mantém fluxos direcionados a segmentos sociais distintos e com maior homogeneidade.

Entretanto, cumpre apontar que a revitalização do centro tradicional ou de fragmentos do centro com intuito de competitividade com o Shopping Center não constitui o centro enquanto uma centralidade com a mesma racionalidade ou com o mesmo nível estratégico e agressivo no que tange à cooptação e programação dos consumidores, bem como às possibilidades de maximização do faturamento e lucratividade dos diferentes grupos capitalistas. Além disso, a revitalização não é suficiente para anular a internalização de externalidades negativas do centro tradicional pelo shopping, na medida em que este ainda se apresenta enquanto “cidade real”, da qual o último se apropria para aprofundar os constructos discursivos de apelo ao consumo no espaço privado.

Por outro lado, é importante ressaltar que o processo de redefinição do centro tradicional aponta para o discurso de modernização do espaço público tendo como referência o espaço privado, o que implica anulação do debate político pela afirmação do consenso e em modificações na apropriação do espaço e do centro.

Desse modo, em âmbito intraurbano, os novos processos espaciais e sociais impostos por novas racionalidades e estratégias de reprodução do capital transcendem as parcelas do tecido urbano nas quais se instalam, redefinindo o centro e a periferia, além de limitar a apropriação do espaço, que tende a se realizar pautada estritamente em interesses econômicos e em valores de troca.

A redefinição da centralidade e do centro em cidades médias aponta para o desenvolvimento de novos processos que se expressam a partir de um movimento que se realiza travestindo espaços privados em públicos e espaços públicos em privados sob anuência de um discurso naturalizante que apregoa as modificações enquanto elementos de modernização, em outros termos, inevitáveis e benéficas.

CENTRALIDADE E APROFUNDAMENTO DO ESTRANHAMENTO DA VIDA COTIDIANA NA CIDADE

No que tange às reflexões acerca do aprofundamento do estranhamento da vida cotidiana na cidade, primeiramente compreendemos que este processo em cidades médias se concretiza com relevante relação com as novas expressões de centralidade. Depreende-se, nessa direção, que essas centralidades podem se estabelecer no intuito de impor no/ao território novas formas verticalizadas de maximização dos lucros e faturamentos de grandes grupos investidores, terminando por incidir sobre a concretização de novas estratégias do capital em âmbito inter e intraurbano.

Essas novas estratégias, por seu turno, foram propiciadas por meio da reestruturação produtiva e acumulação flexível. Essas impeliram novos procedimentos em termos dos processos produtivos que potencializaram a ofensiva do capital ao tempo de trabalho — com a acentuação do processo de precarização do trabalho e a submissão de demais esferas do trabalho humano à produção do valor, a exemplo das esferas cognitivas, afetivas e comportamentais.

Contudo, essas novas estratégias também propiciaram que o processo de reprodução e acu-

mulação do capital se realizasse em menos tempo, de forma que implicou o condicionamento do homem ao suprimento da necessidade de novas ofensivas do capital ao processo de consumo.

Nesse intento, o tempo livre tornou-se alvo primordial de cooptação do sistema econômico para subjugar o homem, nas demais esferas da vida cotidiana, aos interesses do aprofundamento do mundo da mercadoria. Isso, portanto, implica a degradação do homem que se realiza no sentido da realização da mercadoria e se desrealiza enquanto ser social, anulando suas potencialidades. Assim, como afirma Seabra (1996), o estranhamento se realiza enquanto fenômeno do mundo moderno a partir da própria industrialização do cotidiano, que faz esvaír as particularidades, transformadas em estratégias mercadológicas.

O cotidiano, nessa direção, reproduz-se constituído como simulacro da vida plena, consolidando o funcionamento do modo de produção (DAMIANI, 2001) e a ampliação do mundo do valor de troca em detrimento do valor de uso, pois a atividade prática do indivíduo apenas pode elevar-se ao nível de práxis quando tornada atividade humano-genérica consciente (HELLER, 1972).

No âmbito desse contexto, a criação de novas expressões de centralidade como os Shopping Centers em cidades médias, se apresenta inserida em um processo interescolar capaz de gerar e manter um novo tipo de fluxo, expresso no consumo enquanto atividade de lazer. Apresenta-se, portanto, em um lazer subvertido, caracterizado e caracterizando um processo de aprofundamento do estranhamento da vida cotidiana na cidade como imposição de tempos hegemônicos.

O tempo de consumo se traveste em tempo livre, revelando a negação da potencialidade humana na medida em que o homem cada vez mais se aprisiona e se nega para afirmar a realização do valor. Nesses termos, não estritamente no tempo de trabalho, o homem se encontra subjogado à realização dos interesses do capital. Assim, pela relevância para o debate, as novas expressões de centralidade em cidades médias implicam pensar a vida cotidiana no lugar, como apontou Damiani (2001), tendo relação recíproca com o mundo.

As novas funções das cidades médias para o capital, nessa direção, designam a criação de novas formas espaciais que terminam por impor a territorialização de processos econômicos hegemônicos que enlevam a mercadoria em detrimento do homem, de forma contrária à sua libertação (OLIVEIRA JR., 2008a). Subsumido à dinâmica econômica revestida de novas técnicas e racionalidades, o homem tende a não mais se esvaziar em todos os seus sentidos e potencialidades, negando a si mesmo no devir histórico da sua constituição.

Os Shopping Centers se apresentam como os artefatos espaciais com maior relevância neste debate, tanto pela expressividade quantitativa nas cidades médias quanto pela racionalidade que impõem. Os shoppings, conseqüentemente, por possuírem enquanto característica a finalidade de travestir o lazer em consumo, impõem ao público frequentador a impossibilidade de mensurar corretamente em que medida as atividades de lazer das quais participam no interior do artefato se constituem em lazer utilitarista, sendo em verdade realizados no sentido da reprodução do capital. Para a administração do empreendimento, portanto, a transformação do tempo de lazer em tempo de consumo constitui-se em um desafio de extrema relevância para o incremento no faturamento dos lojistas e do grupo empreendedor.

Decerto, a realização da necessidade dos capitalistas termina por implicar a programação do humano, seus gostos, gestos, desejos, falseando a realização e a felicidade do homem mediado pelo consumo de mercadorias, esvaziando a vida de sentido no tempo livre. Este último não se encontra constituído como outrora, enquanto tempo alheio aos interesses do capital, do qual o homem poderia se apropriar realizando-o sem a necessidade de subsumi-lo à reprodução do capital.

Envolto no discurso de qualidade de vida — consubstanciado pelo ambiente artificializado enquanto caráter compensatório pela desrealização do homem no trabalho e anulação das potencialidades humanas —, o lazer-consumo, ou o consumo travestido de lazer, subjaz, sugerido nos shoppings, de modo a transformar o tempo livre em tempo útil ao capital.

O referido discurso se conforma na capacidade das novas expressões de centralidade e na geração e manutenção de fluxos pautados no tempo livre enquanto fundamental à realização das novas

necessidades do aprofundamento do mundo da mercadoria travestidas de necessidades humanas; quando em verdade, aniquilam com maior propriedade as potencialidades humanas.

O sucumbir das potencialidades humanas e dos sentidos da reprodução da vida encontra-se velado na realização de desejos subvertidos por necessidades alheias e alienadas, que promovem a mediatização da mercadoria na realização do homem, que se efetua enquanto não mais que a sua própria desrealização.

Nessa direção, cumprem papel de destaque os ambientes artificializados, aptos a promover a sedução da mercadoria e forjar um perfeito ato de compra. Isso porque esses ambientes induzem à contemplação da mercadoria e assinalam o consumo destas enquanto necessidade de realização do homem. Essa realização, portanto, se apresenta travestida com propriedade nas vitrines dispostas nas alamedas dos shoppings e dissimulada no ato contemplativo do homem perante a própria mercadoria.

A contemplação supra-histórica da mercadoria, que se despe de concreticidade, dos processos sociais e objetivos de produção e da história social do trabalho incorporado à mercadoria, aponta para a realização do homem em algo alheio a si e ao produto do seu trabalho.

Para além dessas questões, insurge o processo de tornar as mercadorias cada vez mais descartáveis, imersas em elementos qualitativos que se renovam e imputam o envelhecimento efêmero das mercadorias e induzem ao consumo indiscriminado (na medida em que as mercadorias se renovam destinadas às pessoas que já a possuem, mas que devem apreendê-las enquanto mercadorias envelhecidas).

Por outro lado, ocorre também a programação de desejos promovida pela publicidade, que credita aos possuidores de determinadas mercadorias qualidades superiores, inferiorizando aqueles que não possuem condições materiais de adquiri-las. Mesmo assim, estes se rendem aos ditames da racionalidade hegemônica, seduzidos por necessidades falseadas e mercadorias distantes das suas possibilidades financeiras, o que implica a contemplação valorativa da mercadoria, mesmo daquelas que não se pode obter, reafirmando o discurso qualitativo das elites.

Desta forma, o ideário promovido pela publicidade conduz à manipulação das consciências, que se expressa sutilmente, posto que a manipulação “é caracterizada pela condução da consciência e do comportamento das massas de forma não-terrorista, através de recursos lingüísticos e estéticos” (HAUNG, 1988, p. 164). Desta forma o homem se degrada enquanto cidadão posto que “o homem é o consumidor, por excelência, e só nessa condição, é parte integrante da massa, sujeito e objeto de manipulação” (CARLOS, 2005b, p. 231).

A partir das reflexões elencadas, o aprofundamento do estranhamento da vida cotidiana na cidade se insere na temática das novas expressões de centralidade em cidades médias, sobretudo com o intento de uma problematização interescalar. Além disso, essa questão aponta para a necessidade do fomento de debates acerca dos impactos das novas expressões de centralidade para além de processos estritamente espaciais, mas a estes visceralmente imbricados. Imbricados enquanto elementos que (des)velam as contradições e conflitos candentes nos (novos) conteúdos do processo de urbanização contemporânea, que, por seu turno, resultam de novas formas de reprodução e acumulação do capital.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste movimento final, não desenvolvemos reflexões que poderiam se realizar por ocasião das considerações finais deste artigo. Por outro lado, apontamos algumas questões que se apresentam para além da estrita delimitação definida pelos nossos objetivos, embora se encontrem intimamente relacionadas com a temática e os caminhos percorridos, de forma que saltam ao seu final, (re)afirmando sua pertinência. Essas questões envolvem o debate entre:

- (1) As descontinuidades e continuidades que se expressam em processos sociais e espaciais no que tange aos conteúdos das parcelas do tecido urbano individualmente, na articulação

entre estas e na relevância das mesmas em relação à produção do espaço urbano. Mais especificamente quanto à redefinição do centro e da periferia na cidade e da relação entre centro e periferia a partir da multiplicação da centralidade e das modificações nas dimensões qualitativas e quantitativas desta.

(2) As modificações desencadeadas a partir das novas expressões de centralidade constrangidas pela ofensiva do capital sobre as cidades médias no que tange à relação com os subcentros, especificamente acerca da relevância dos últimos na estruturação urbana quando do recorte temporal da estrutura urbana monocêntrica e posteriormente a esta, com o processo de reestruturação do espaço urbano propiciado por novas expressões de centralidade a exemplo dos Shopping Centers.

(3) A ofensiva do capital sobre o tempo livre objetivando o aprofundamento do mundo da mercadoria principalmente para suprir a demanda suscitada pela aceleração dos processos produtivos com a reestruturação produtiva e acumulação flexível, que aponta para o profícuo debate — ou embate — do aprofundamento sobre o estranhamento da vida cotidiana na cidade. Apesar de alguns aspectos terem sido abordados e discutidos no decorrer do presente texto, cumpre a execução de uma investigação específica a esse respeito. Essa transcorreria por construção de uma problemática envolta à ontologia do ser social, às potencialidades humanas a partir do trabalho e às negações históricas impostas pelo capital, a exemplo da alienação, que cada vez mais se amplia para as demais esferas da vida cotidiana.

Por fim, compreendemos que o esforço reflexivo realizado apontou para a pertinência da articulação entre as questões suscitadas e desenvolvidas. Contudo, nossos esforços constituem uma restrita análise recortada frente aos debates sugeridos por meio da temática das cidades médias, que, por sua vez, se ampliam nas diversas matrizes teóricas e epistemológicas da geografia. O presente artigo se pretende, portanto, uma singela contribuição para o prosseguimento dos estudos sobre o tema.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- ALVES, Giovanni. **Dimensões da globalização: o capital e suas contradições**. Londrina: Práxis, 2001.
- BOTELHO, Adriano. Reestruturação produtiva e produção do espaço: o caso da indústria automobilística instalada no Brasil. **Revista do Departamento de Geografia**, São Paulo, n. 15, 2002.
- CARLOS, Ana Fani A. A reprodução da cidade como “negócio”. In: CARLOS, Ana Fani A.; CARRERAS, Carles. **Urbanização e mundialização: estudos sobre a metrópole**. São Paulo: Contexto, 2005a.
- CARLOS, Ana Fani A. O direito à cidade e a construção da “metageografia”. **Cidades**, Presidente Prudente, v. 2, n. 4, 2005b.
- DAMIANI, Amélia Luisa. O lugar e a produção do cotidiano. In: CARLOS, A. F. A. (org.). **Novos caminhos da geografia**. São Paulo: Contexto, 2001.
- FRANÇA, Iara Soares de. **A cidade média e suas centralidades: o exemplo de Montes Claros no norte de Minas Gerais**. Uberlândia: [s.n.], 2007. (Dissertação de mestrado).
- HAUNG, Wolfgang F. A crítica da estética da mercadoria. In: MARCONDES FILHO, Ciro (org.). **A linguagem da sedução**. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1988.
- HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. São Paulo: Paz e Terra, 1972.
- LANGONI, Carlos G. “Shopping centers” no Brasil. In: ARRUDA, J. S.; LÔBO, C. A. da S. **“Shopping centers”: aspectos jurídicos**. São Paulo: Ed. Revista dos tribunais, 1984.
- LÉFÈBVRE, Henri. **O pensamento marxista e a cidade**. Lisboa: Ulisseia, 1972.
- LÉFÈBVRE, Henri. **A revolução urbana**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.
- OLIVEIRA JR., Gilberto. **Novas expressões de centralidade e (re)produção do espaço urbano em cidades médias: o Jequitibá Plaza Shopping em Itabuna-Ba**. Brasília: [s.n.], 2008a. (Dissertação de mestrado).

- OLIVEIRA JR., Gilberto. Redefinição da centralidade urbana em cidades médias. **Sociedade & Natureza**, Uberlândia, v. 20, n. 1, 2008b.
- OLIVEIRA JR., Gilberto. Shopping Centers: aspectos da racionalidade técnica e impactos da reestruturação urbana na vida cotidiana na cidade. In: Encontro Nacional de Geógrafos, 15., 2008, São Paulo. **Anais...** São Paulo, 2008c.
- OLIVEIRA JR., Gilberto; MARTINS, Ananda de Melo. Novas expressões de centralidade e aprofundamento do estranhamento da vida cotidiana na cidade. **Mercator**, Fortaleza, ano 07, n. 14, 2008.
- PADILHA, Valquíria. **Shopping Center: a catedral das mercadorias**. São Paulo: Boitempo, 2006.
- PINTO, Dinah S. R. **Shopping center: uma nova era empresarial**. Rio de Janeiro: Forense, 1989.
- SEABRA, Odette C. de L. A insurreição do uso. In: MARTINS, José de Souza (org.). **Henri Lefebvre e o retorno à dialética**. São Paulo: HUCITEC, 1996.
- SOARES, Beatriz Ribeiro. Repensando as cidades médias brasileiras no contexto da globalização. **Formação**, Presidente Prudente, n. 6, 1999.
- SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. O centro e as formas de expressão da centralidade urbana. **Geografia**, São Paulo, n. 10, 1991.
- SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. Cidade: espaço e tempo (ensaiando a reflexão). **Geografia**, São Paulo, n. 11, 1992.
- SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. Novas formas comerciais e redefinição da centralidade intra-urbana. In: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (Org.). **Textos e contextos para a leitura geográfica de uma cidade média**. Presidente Prudente: Pós-graduação em Geografia da FCT/UNESP, 2001.
- SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. O desafio metodológico da abordagem interescalar no estudo das cidades médias no mundo contemporâneo. **Cidades**, Presidente Prudente, v. 3, n. 5, 2006.
- SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão et al. O estudo das cidades médias brasileiras: uma proposta metodológica. In: SPOSITO, M. E. B.. (Org.). **Cidades médias: espaços em transição**. 1 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2007.
- SUBIRATS, Eduardo. **A cultura como espetáculo**. São Paulo: Studio Nobel, 1989.
- UNDERHILL, PACO. **A magia dos shoppings: como os shoppings atraem e seduzem**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.
- VIEIRA, Josênia Antunes. As Abordagens Críticas e Não-Críticas em Análise de Discurso. In: SILVA, D. E. G. da; VIEIRA, J. A.. (Org.). **Análise do discurso: percursos teóricos e metodológicos**. Brasília/DF: Plano, 2002.

Trabalho enviado em maio de 2010
Trabalho aceito em agosto de 2010